



📅 05/08/2025 ⌚ 15:43

Apesar das ameaçadoras profecias de terrorismos verdes e climáticos, a produção de banana e a agricultura têm tudo para crescer no Brasil e no mundo.



Imagem: Pixabay – detalhes MBertolotti MBertolotti

“Os últimos dias da banana” (*The last days of the banana*). Não era um filme de cinema e sim o título de um artigo de capa da revista *New Scientist* de 18 de janeiro de 2003 (Vol. 177, Iss. 2378). Devido a doenças e questões genéticas, o articulista previa o desaparecimento da banana em 10 anos: “*The world’s favourite fruit could disappear forever in 10 years’ time.*”

Nada aconteceu. Apesar das ameaçadoras profecias de terrorismos verdes e climáticos, a produção de banana e a agricultura, têm tudo para crescer no Brasil e no mundo com novas variedades, tecnologias modernas e ganhos de produtividade. Banana e outros produtos só desaparecerão, se o agro retornar ao Neolítico, como propõe alguns “especialistas”. Ou se os bananicultores forem extintos, como [tentam na Amazônia](#) e alhures.

A banana é a fruta mais consumida no Brasil e no planeta. A produção mundial é de 115 milhões de toneladas, em mais de 130 países. No Brasil, quarto produtor mundial, são quase 7 milhões de toneladas. Só a grande São Paulo consome 2.000 toneladas de banana por dia. Na Amazônia, ela não é apenas uma fruta. É alimento de base na dieta da população.

Para o falecido arcebispo de Teresina, [D. Celso José Pinto da Silva](#), carioca da gema, ela era o fruto perfeito por dez razões: se cair no chão não suja, devido sua casca; é fácil de transportar; para consumir não é preciso lavar; para descascar não requer faca; a casca oferece linhas para retirada; há um pedúnculo para segurar; não solta suco, nem foge da mão; não escorre nos lábios ou entre



à saúde cardiovascular e ao combate a câimbras. Um fruto completo, a ser dado a crianças em mingaus ou *in natura* até no consumo diário por idosos.

A bananeira é uma erva perene de grande porte da família das **musáceas**. O nome científico do gênero, *Musa*, vem de *mauza* (موز) banana em árabe. Foi escolhido por **Lineu** e publicado no *Species plantarum*. Por homonímia, homenageou **Antonius Musa**, médico do imperador **Augusto**. E evocou **musas gregas**, as nove divindades mitológicas da criatividade e busca pelo saber. Seu templo era o *Museion*. Origem de *museu*, local de cultivar e preservar artes e ciências. O nome científico inicial elevou-a ao Éden, como Árvore da Vida: ***Musa paradisíaca***, hoje associado à banana da terra.

Apesar de suas **conotações sexuais**, sobretudo por seu formato fálico, a banana não faz sexo há quase dez mil anos. A banana cultivada é estéril e vem da hibridação natural de duas bananeiras selvagens (***Musa acuminata*** e ***Musa balbisiana***), lá no Sudeste Asiático. As duas espécies ainda possuem reprodução sexuada. Seus frutos são pequenos, com pouca polpa e grandes sementes. A nova variedade, com fruto maior, estéril, sem sementes, passou a ser cultivada por multiplicação vegetativa (mudas), até hoje.

O **centro da domesticação da banana** foram as terras altas da Papua-Nova Guiné, há 10.000 anos. O cultivo se espalhou até Índia, Birmânia, China, Taiwan, Austrália, Polinésia, Filipinas e Indonésia. Vestígios arqueológicos do cultivo foram encontrados na Malásia e datados de 3.000 a.C., no Paquistão de 2.500 a.C. e na Índia Central de 600 a.C.

Ela chegou ao Brasil no século XVI pelos portugueses, responsáveis pela difusão no mundo do nome banana, de origem **bantu**. Não foi um processo casual. A Coroa Portuguesa já possuía experiência consolidada em seleção e melhoramento de frutas: o processo de “educação” de plantas. A ponto de Luís de Camões evocar o melhoramento obtido no pêssego (*Prunus persica* L.) em **Os Lusíadas**, no Canto IX – Estrofe 58:

O pomo que da pátria Pérsia veio,

Milhor tornado no terreno alheio.

A introdução seguia etapas. Primeiro, cultivavam e observavam as bananas e outras espécies, numa rede de jardins de aclimatação ou de “educação” de plantas em Goa na Índia e nas ilhas do Atlântico: Madeira, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. As melhores mudas, mais produtivas e saudáveis, sem pragas e doenças existentes nas terras de origem, foram trazidas ao Brasil.

Em 1563, o médico de D. João III, **Garcia d’Orta**, amigo de Martim Afonso de Souza e Luís de Camões, após trinta anos de observações, experimentos em seu horto botânico em Goa e de viagens de coleta no Oriente, publicou uma ampla revisão científica dos compêndios de botânica da Antiguidade e Idade Média. Seu livro

Colóquio dos simples, drogas e coisas medicinais da Índia e assim de algumas frutas achadas nela..., indicava espécies selecionadas e introduzidas no Brasil (**Revista Oeste, Ed. 99**).



bactéria *Ralstonia solanacearum*, responsável pelo **Moko da bananeira**, presente na Amazônia, com exceção do Acre, e em Pernambuco e Sergipe.

O caminho para enfrentar as doenças é manejo da cultura, defensivos e criação de variedades resistentes. Problema: a maioria das variedades de banana são estéreis. Não há como usar a reprodução sexuada, o cruzamento de espécies, para obter variedades resistentes a pragas e doenças, com produtividade e qualidade dos frutos. A genética da banana é complexa (**triploide**). Seu melhoramento é diferente da seleção de feijão, milho, soja ou laranja. Nesses casos, a reprodução sexuada permite cruzamento e novas genéticas. Na banana, obter novas variedades é bem mais caro e difícil.

Os pesquisadores fecundam manualmente, com um pequeníssimo grão de pólen de uma espécie com alguma característica de interesse, cada ovário da banana cultivada. De cada 1.000 grãos polinizados, um trabalho enorme, obtém-se apenas uma ou duas sementes. São plantadas e observadas para avaliar se as plantas obtidas (**genótipos**) têm as características desejadas.

A pesquisa agropecuária brasileira já produziu **dezenas de variedades resistentes a pragas e doenças**, utilizadas pelos bananicultores. Em muitos casos, ainda é necessário erradicar pomares e recorrerão uso de fungicidas. Na Costa Rica chega ma 50 aplicações e no Equador a 30, num ciclo. Em São Paulo e Santa Catarina, são cerca de 15 aplicações. Muitas vezes realizadas por aviação agrícola, drones, **sensores multiespectrais** e equipamentos motorizados. Pequenos agricultores não têm condição de utilizar essas opções. A Embrapa desenvolveu uma técnica de **aplicação manual de fungicida na axila da segunda folha da bananeira**, adequada aos pequenos produtores, capaz de controlar a doença com três aplicações.

Sobre possíveis doenças futuras, vindas de outros países, a Embrapa realiza programas de **melhoramento preventivo**: seleciona variedades resistentes a doenças aqui inexistentes. Plantas obtidas são enviadas à África ou Ásia e cultivadas onde existe a doença para ver se resistem. O Brasil passa a ter alternativas para enfrentar eventuais problemas futuros.

Outra forma de evitar enfermidades e pragas é produzir **mudas de banana por micropropagação** ou cultura de tecidos. **Empresas** no Sul, Sudeste e Centro Oeste produzem mudas sadias de **novos híbridos**, com alto potencial produtivo, homogêneas e com características desejadas pelo agricultor.

A banana não se vende mais “a preço de banana”? No passado, a população era menor e a produção próxima do consumo. Hoje, há demanda por banana em todo o país. O custo de produção cresceu, sobretudo com mão de obra. Também onera a questão sanitária, adubos, defensivos e transporte, numa cadeia com muitos intermediários. As margens dos produtores são pequenas. Ainda é uma das **frutas mais acessíveis** e baratas.



A extinção da banana, prevista pela *New Scientist*, era **exagero**. Como é o terrorismo verde, climático e midiático com profecias apocalípticas sobre o fim da agricultura e do planeta. Não ocorreu o vaticinado à banana, apesar das dificuldades genéticas do melhoramento. O setor avança, com variedades resistentes criadas pela pesquisa e a pró-atividade de produtores e empresas. Investem em tecnologia e inovam nos sistemas de produção e pós-colheita. Para lá da COP 30, com seus ares de **república das bananas**, os pequenos bananicultores na Amazônia, sem apoio, ameaçados de extinção pela sanha estatal e ambientalista antropofóbica... *re-existem*. **Yes! Ainda temos bananas.**



Evaristo de Miranda é pesquisador, escritor, doutor em Ecologia e membro da Academia Nacional de Agricultura da SNA. (<https://evaristodemiranda.com.br/>)

Artigo publicado originalmente na revista Oeste e gentilmente cedido à SNA pelo autor.

Facebook

Twitter

LinkedIn

WhatsApp

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Artigos

JÁ COMEU OU DEU UMA BANANA HOJE? Por Evaristo de Miranda

Artigos



Av. General Justo 171 – 3º e 7º andares
Centro – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 20021-130
+55 (21) 3231-6350

Campus Educacional e Ambiental SNA

Avenida Brasil 9727
Penha – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 21012-351
+55 (21) 3977-9979



Envie-nos uma mensagem

INSTITUCIONAL

Sobre a SNA

Diretoria da SNA

Academia Nacional de Agricultura

EDUCAÇÃO

SNA Digital – EAD

Campus Educacional

PUBLICAÇÕES DA SNA

A Lavoura

Animal Business

CI Orgânicos

Boletim SNA

CONTEÚDO

Destaques da SNA

Notícias do agro

Artigos

Entrevistas

SNA Startup Hub

Código de Ética

Política de Governança

Política de Privacidade.

© Copyright Sociedade Nacional de Agricultura 2023. Todos os direitos reservados.